

“Existem artistas na periferia¹, professora?!”: interseccionalidade e lugar de fala como elementos mobilizadores de práticas artísticas vivenciadas a partir do estudo de jovens artistas pernambucanas

“Are there artists on the periphery, professor?!”: intersectionality and place of speech as mobilizing elements of artistic practices experienced by the study of Young female artists from Pernambuco

“¿Hay artistas en la periferia, profesora?!”: interseccionalidad y lugar de enunciación como elementos movilizadores de prácticas artísticas vivenciadas a partir del estudio de jóvenes artistas pernambucanas

Ana Flávia da Fonte Netto de Mendonça²

Fabiana Souto Lima Vidal³

¹ Destacamos que o termo periferia, presente no questionamento de um estudante durante o estágio de docência realizado, é entendido neste artigo na direção do que discute D’Andrea (2020) e que será explicitado ao longo do texto.

² Doutoranda em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (Portugal) e Mestre em Design pela UFPE (2017). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8431183266418627>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8883-5536>, e-mail: anaflaviafnm@gmail.com

³ Docente de Artes Visuais do Colégio de Aplicação da UFPE e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9258272116465693>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0439-7378>, e-mail: fabiana.vidal@ufpe.br

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de compartilhar a experiência de estágio de regência em Artes Visuais vivenciada em um grupo de 1º ano do Ensino Médio, no componente curricular Artes Visuais, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, tendo como recorte o estudo de mulheres artistas. O processo de criação de jovens mulheres do cenário artístico pernambucano, especialmente os trabalhos de Rayellen Alves e de Priscilla Melo, atrelado ao estudo dos conceitos de “Interseccionalidade” e “Lugar de fala”, dentro de uma perspectiva pedagógica decolonial e antirracista, nortearam o planejamento do semestre, que teve como ponto de partida a pergunta disparada por um aluno em sala de aula: “existem artistas na periferia, professora?!”, também mobilizadora do título do presente artigo. Através da fotocollagem digital, os(as) estudantes puderam articular as discussões vivenciadas às suas expressões e práticas artísticas.

PALAVRAS-CHAVE

Estágio de docência; artistas mulheres; interseccionalidade; lugar de fala; fotocollagem.

ABSTRACT

This article sought to share the experience of a Visual Arts teaching internship experience in a 1st-year high school class in the Visual Arts curriculum component of the ‘Aplicação’ school at the Federal University of Pernambuco, having a focus on women artists. The young women artist creation process in the Pernambuco art scene, especially the works of Rayellen Alves and Priscilla Melo, together with the study of the concepts “Intersectionality” and “Place of Speech”, within a decolonial and anti-racist pedagogical perspective, guided the semester planning, which had as its starting point the question raised by a student in the classroom: “Are there artists on the periphery, professor?!”, also mobilizes the title of this article. Throughout digital photcollage, students could articulate the discussions experienced in their artistic expressions and practices.

KEYWORDS

Teaching internship; female artists; intersectionality; speech place; photo collage.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo compartir la experiencia de pasantía docente en Artes Visuales vivenciada en un grupo de 1° año de la Escuela Secundaria, en el componente curricular Artes Visuales, en la Escola de Aplicação de la Universidade Federal de Pernambuco, teniendo como recorte el estudio de mujeres artistas. El proceso de creación de jóvenes mujeres de la escena artística pernambucana, en especial las obras de Rayellen Alves y Priscilla Melo, vinculado al estudio de los conceptos de "Interseccionalidad" y "Lugar de enunciación", en una perspectiva pedagógica decolonial y antirracista, guió la planificación del semestre, que tuvo como punto de partida la pregunta planteada por un alumno en el aula: "¿hay artistas en la periferia, profesora?!", movilizándolo también el título de este artículo. A través de la fotocollage digital, los estudiantes pudieron articular las discusiones vivenciadas con sus expresiones y prácticas artísticas.

PALABRAS CLAVE

Pasantía docente, mujeres artistas, interseccionalidad, lugar del discurso, fotocollage.

Sobre o campo de estágio

O presente artigo trata-se de um relato de experiência de estágio de regência realizado durante quatro semanas, no ano letivo de 2021⁴ no Colégio de Aplicação da Universidade de Federal de Pernambuco (CAp - UFPE), onde grande parte dos(as) licenciandos(as) vivenciam a aproximação com o chão da escola a partir dos estágios de observação e regência, experienciando na prática, os desafios que se apresentam em sala de aula. Deste modo, o estágio que mobiliza esta escrita faz parte do componente obrigatório do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPE, Estágio 02, direcionado especificamente para turmas do Ensino Médio (EM).

No período relatado, devido à situação excepcional em função da pandemia do Covid-19 e em cumprimento às normas da instituição e das orientações das autoridades de saúde, as aulas aconteceram remotamente com atividades síncronas e assíncronas, a partir da plataforma virtual de ensino e aprendizagem adotada pela instituição, o Google Classroom.

Sobre a instituição, o CAp - UFPE é uma escola pública com um perfil bastante diferenciado, pois faz parte de um número restrito de escolas de educação básica pertencentes às universidades federais. Por muitos anos recebeu uma grande quantidade de estudantes oriundos(as) de famílias de partes mais favorecidas socialmente e economicamente, sobretudo, devido a um acirrado processo seletivo de ingresso, baseado no desempenho intelectual dos(as) candidatos(as) que, geralmente, advinham de escolas privadas localizadas em setores privilegiados da cidade do Recife, muitos(as) destes(as) que também estudavam em cursos preparatórios para o processo seletivo.

Este cenário passa a mudar no final do ano de 2016 quando houve uma mudança no sistema de entrada para novos(as) estudantes e o processo de seleção, depois de um longo período de lutas e enfrentamentos com alguns setores da sociedade contrários à mudança, passou a adotar o sistema de reserva de 50% das vagas para crianças que cursaram os anos iniciais do Ensino Fundamental (do 1º ao 5º ano) em escolas das redes públicas, embora estas também tenham sido selecionadas a partir de avaliações de desempenho. Assim, a partir do ano de 2017, as turmas mistas, com 50% dos(as) estudantes oriundos da reserva de vagas e 50% dos(as) estudantes da ampla concorrência, passaram a compor o corpo discente do CAp – UFPE. Portanto, apenas há 06 anos o colégio vem observando, criando e reinventando soluções para lidar com as dificuldades e os desafios das discrepantes diferenças sociais dentro de uma mesma sala de aula.

Outro aspecto importante a destacar, relacionado ao componente curricular Artes Visuais diz respeito ao modo como este campo de conhecimento integra

4 No momento de vivenciar o estágio de regência, o calendário da UFPE estava em processo de retomada, devido à paralisação das aulas ocorridas no ano letivo de 2020, em função do início da pandemia do Covid-19; portanto, mesmo sendo o semestre 2020.2, esta experiência de estágio de regência ocorreu remotamente entre os meses de julho e agosto de 2021, considerando os ajustes necessários ao contexto pandêmico e de modo a cumprir às exigências de carga horária.

o currículo do EM, pois, no 1º ano deste nível da educação básica, Artes Visuais compõe a parte diversificada (PD) do currículo. Em termos práticos, os componentes que integram a PD são abertos ao estudo de temáticas emergentes e a estudos mais aprofundados em determinados aspectos de um campo de conhecimento, além disso, em se tratando do campo da arte, podemos afirmar que, ao chegar no EM, os(as) estudantes que já vivenciaram as quatro linguagens artísticas - Artes Visuais, Dança, Música e Teatro - em diferentes séries do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, passam a escolher dentre estas linguagens, aquela que desejam cursar no 1º ano do EM, sendo assim, os(as) 60 estudantes das duas turmas de 1º ano se dividem entre as PD's das linguagens artísticas, a partir de suas escolhas e identificações com o objeto de estudo delineado para cada uma delas.

No campo das Artes Visuais, a PD do EM vem sendo vivenciada há alguns anos letivos em torno da temática central "Mulheres Artistas". Cada ano, os recortes e especificidades desta PD foram desenhados a partir dos diferentes encontros entre docente, turma, estagiários(as) e os desejos de investigação dentro desta grande temática.

Em 2021, segundo ano de atividades remotas, a PD valeu-se de estratégias vivenciadas no ano anterior e que foram mobilizadoras para o engajamento da turma, assim, foram explorados debates a partir de textos, vídeos disponibilizados no Youtube e em outras plataformas digitais acessíveis para os momentos assíncronos, além de estratégias de atividades usando diferentes recursos que passaram a ser explorados no trabalho remoto, a exemplo do Padlet e das atividades artísticas envolvendo as criações digitais e exploração de aplicativos disponíveis de forma gratuita.

Por onde nos orientamos? Das escolhas teóricas e recortes iniciais

Ao dar início ao estágio, foi disponibilizado o programa anual do componente. Neste documento, um dos objetivos da PD Mulheres Artistas chamou atenção e abriu espaço para a regência realizada, a saber, "aprofundar o conhecimento de jovens mulheres do cenário artístico pernambucano e o estudo sobre o processo de criação destas artistas", causando uma identificação imediata com a estagiária de regência e provocando-nos a pensar possíveis desdobramentos para o estágio.

Não podemos negar que as vivências na licenciatura foram facilitadoras para pensar o referido objetivo, uma vez que possibilitaram um intenso e profícuo acesso a outras jovens artistas mulheres pernambucanas, a partir de vivências em exposições, ateliês compartilhados, rodas de conversas, debates, lançamentos de revistas e nas salas de aula do Centro de Artes e Comunicação da UFPE, onde é possível cruzar com uma quantidade expressiva de jovens artistas, estudantes ou graduados(as) no mesmo curso. Diante desse quadro de proximidade com o tema, surgiu a seguinte questão: como escolher, então, quais jovens mulheres artistas seriam apresentadas para os(as) estudantes do Ensino Médio?

Ao analisarmos esse aspecto do programa, entendemos que a busca por

referenciais artísticos locais coaduna com a nossa compreensão acerca da necessidade e urgência de um pensamento decolonial no ensino das Artes Visuais, como nos sugere os estudos de Moura (2019). Isso implica dizer que se busca construir outro modo de pensar o currículo das Artes Visuais quando nos deixamos provocar por Adichie (2009) e passamos a olhar com desconfiança as histórias únicas narradas em grande parte dos livros de história da arte, muitos deles carregados de referenciais europeus e norte-americano. Assim, provocamo-nos a construir outras histórias da arte, histórias de mulheres não eurocentradas ou estadunidenses, histórias de mulheres, latino-americanas, brasileiras, nordestinas, pernambucanas e moradoras de periferias da cidade do Recife e região metropolitana, mulheres artistas que, como muitas outras, não possuem suas obras circulando com a mesma facilidade pelos equipamentos culturais da cidade do Recife e para além das fronteiras locais, uma vez que estes, comumente, ainda estão presos ao pensamento colonizador.

Ainda em um dos primeiros encontros entre estagiária e professora supervisora, durante o processo de conversa para amadurecer e desenhar as primeiras ações e ideias, compartilhamos de uma inquietação levantada por um estudante da turma em uma das aulas: “*existem artistas na periferia, professora?!*”. Esta pergunta, que também é provocadora do título deste estudo, passou a nortear a construção dos planos de aula do estágio de regência pois, entendíamos a necessidade e urgência de fazê-los(as) notar que há artistas na periferia, assim como perceber a periferia como um lugar efervescente para o nascimento de práticas artísticas.

Vale destacar que o termo periferia utilizado na fala do estudante precisa ser problematizado, uma vez que já foi e ainda é fruto de discussões que muitas vezes insiste em manter uma concepção de periferia enquanto lugar menor, para tanto, tomamos como aporte o campo dos Estudos Culturais a partir das discussões trazidas por Vidal (2016, p. 82,) quando nos provoca a pensar

as barreiras entre binarismos resistentes para tratar culturas e classificá-las no que ainda é chamado de alta cultura e baixa cultura, ou de cultura dominante e cultura popular ou, ainda, de cultura do centro e cultura das margens, sendo a primeira ainda hoje tratada como a cultura de referência, modelo, expressão máxima, enquanto a segunda expressão está ligada às demais culturas, consideradas de menor valor e relevância [estas, marcada por discursos e práticas que acabam por classificar, dentre outras, as culturas advindas da periferia].

Também nos unimos à discussão trazida por D’Andrea (2020, p. 5, grifos do autor), que problematiza os significados históricos do termo periferia, dentre os quais destacamos os debates mais contemporâneos, a partir dos anos de 1990, quando se alarga o conceito e “o significado de *periferia* passava a englobar também *cultura e potência*”, aspectos com os quais dialogamos ao longo das nossas experiências de vida e docentes.

A partir de então, o estágio de regência uniu ao objetivo já destacado do componente à busca por mulheres jovens artistas pernambucanas da periferia, ao

mesmo tempo em que éramos instigadas a pensar no tipo de produção que pudesse ser provocadora de debates e de possibilidades de criação artística, sobretudo considerando os limites e possibilidades impostos pelo contexto remoto.

Ainda considerando as dificuldades para afunilar tão amplo universo, em nossas pesquisas encontramos duas mulheres que passaram a compor os planos de aulas, são elas, Rayellen Alves e Priscilla Melo, jovens artistas contemporâneas do Estado de Pernambuco que realizam produções visuais utilizando as técnicas digitais, especificamente a fotocoloragem e a fotografia.

Durante esse processo de escolha das jovens artistas, notou-se que era necessário apresentar à turma dois importantes conceitos, interseccionalidade e lugar de fala, por entendermos que o antirracismo e o feminismo precisam andar lado a lado para que haja uma verdadeira mudança social, logo, no contexto da sala de aula vivenciada, adentrar neste debate, juntamente com as artistas escolhidas poderia provocar mudanças de olhares acerca dessa temática e da própria produção artística estudada.

Destacamos que o termo interseccionalidade foi sistematizado pela feminista norte-americana Kimberlé Crenshaw em 1989, como uma forma de compreender a atuação de múltiplas opressões sobre um indivíduo (ASSIS, 2019). Já no início do movimento feminista, mulheres negras nos E.U.A. percebiam que certas reivindicações de mulheres brancas não cabiam para elas, como o direito à inserção no mercado de trabalho, por exemplo. Era, portanto, necessário colocar abaixo a ideia da mulher como um sujeito único - o sexismo intersecciona com o racismo, assim como com os demais marcadores sociais: classe social, faixa etária, escolaridade, orientação sexual, religião etc. Sobre isso, Crenshaw (2002, p. 177) nos esclarece um pouco mais quando diz:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

A partir da compreensão do conceito de interseccionalidade apresentado e unindo aos elementos escolhidos para nortear os planos de aulas, elencamos o livro "Pequeno manual antirracista", da mulher, filósofa, professora e militante, Djamila Ribeiro, publicado em 2019. Este livro, havia sido discutido com os(as) estudantes nas aulas de língua portuguesa, sendo assim, o estudo de um tema tão complexo, já havia sido abordado em outro componente curricular e foi ampliado a partir das reflexões trazidas pelas produções visuais das artistas elencadas.

O segundo conceito abordado, lugar de fala, mostrou-se oportuno ponto de partida para discutir sobre os sistemas de privilégios e opressões presentes na atual

sociedade. Para assumir responsabilidades diante de injustiças, o primeiro passo é a autorreflexão e entendimento sobre o local de onde se parte; sobre a localização social. Sobre esse conceito, Ribeiro (2019, p. 35) diz:

O conceito de lugar de fala discute justamente o locus social, isto é, de que ponto as pessoas partem para pensar e existir no mundo, de acordo com as suas experiências em comum. É isso que permite avaliar quanto determinado grupo – dependendo de seu lugar na sociedade – sofre com obstáculos ou é autorizado e favorecido. Dessa forma, ter consciência da prevalência branca nos espaços de poder permite que as pessoas se responsabilizem e tomem atitudes para combater e transformar o perverso sistema racial que estrutura a sociedade brasileira.

Para mediar as discussões junto à turma, professora supervisora e estagiária começaram reconhecendo, em sala de aula, seus privilégios enquanto pessoas brancas, afinal, praticar o antirracismo implica na auto responsabilização crítica do sistema de favorecimentos que ronda a branquitude.

Respectivamente, os conceitos de interseccionalidade e de lugar de fala foram abordados à medida em que as produções artísticas de Rayellen Alves e de Priscilla Melo eram apresentadas à turma. Também, para além do estudo das artistas citadas, consideramos pertinente estabelecer um diálogo com as artistas Rosana Paulino e Marcela Bonfim para discutir questões relacionadas ao global e ao local, de modo a provocar discussões sobre as aproximações entre modos de pensar e produzir artisticamente das diferentes mulheres artistas elencadas.

Metodologicamente, elegemos a a/r/tografia para orientar as ações pensadas, explorando as competências de pesquisa, de produção artística e de ensino, tanto das docentes quanto dos(as) discentes. Para tanto, tomamos as orientações de Dias (2013, p. 24) e entendemos que “o ponto crítico da a/r/tografia é saber como desenvolvemos inter-relações entre o fazer artístico e a compreensão do conhecimento”, visto que os papéis do(a) artista, do(a) pesquisador(a) e do(a) professor(a) se fundem. Nesse sentido, “a/r/tógrafos preferem pensar sobre as práticas de artistas e educadores como ocasiões para a produção de conhecimento” (IRWIN, 2013, p.29).

Os recursos didáticos utilizados durante o semestre remoto foram: notebook, plataforma do Google Meet, plataforma do Google Classroom e uso de imagens fixas (apresentações montadas no software Power Point) e animadas (vídeos disponíveis no canal Youtube). O processo de avaliação continuada foi implantado, observando os critérios de participação/interação, de aprofundamento e dedicação à pesquisa, à prática artística e ao compartilhamento do aprendizado, durante os encontros síncronos de 1 hora de duração e assíncronos, devendo acontecer com orientações⁵ de atividades também com 1 hora de duração.

5 Em cumprimento às orientações decididas pela equipe pedagógica do CAp/UFPE para as aulas remotas, os encontros síncronos e assíncronos de todos os campos de conhecimento trabalhados na escola tiveram 1 hora de duração síncrona e 1 hora de atividades variadas a serem realizadas assincronamente.

Dos desdobramentos e vivências

Uma vez que havíamos delineado previamente nossas escolhas e ações a serem realizadas, no primeiro encontro síncrono, após serem explicitados os conteúdos e a metodologia a ser trabalhada ao longo das aulas, foram realizadas leituras de imagens de colagens digitais de Rayellen Alves, artista visual, pesquisadora e arte-educadora em formação pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais na UFPE. Nascida em 1995 e criada na comunidade pesqueira e marisqueira de Nova Cruz 2, Igarassu/PE, município integrante da Região Metropolitana do Recife, Rayellen fala desde uma periferia litorânea. A própria artista, em entrevista realizada pela estagiária destaca que “atualmente pesquisa sobre memórias de si que contribuíram e contribuem para seu processo de formação e a relação com os seus cabelos crespos, temática esta que retrata em suas obras em diversas linguagens como: colagens digitais, performance e experimentos têxteis”. Abaixo, apresentamos duas imagens de obras da artista que compõem a série “Sem título”, produzida em 2020 e que foram trabalhadas sincronamente, vejamo-las:





Fig. 01 e Fig 02 – Rayellen Alves, *Sem título*, 2020. Fotocolagem digital, Igarassu. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CALbDBAJQz8/> . Acesso em: 30 de julho de 2021

O impacto causado pelas imagens das fotocolagens apresentadas provocou uma série de leituras e questionamentos que rapidamente trouxeram à tona as rachaduras sociais do país. Algumas perguntas também foram lançadas para a turma: Vamos falar sobre racismo? Quem já vivenciou uma experiência de racismo? O que você está fazendo ativamente para combater o racismo? Dando alguns exemplos de marcadores sociais, como gênero, raça, classe social, escolaridade, orientação sexual, deficiências, faixa etária, religião, parte dos(as) estudantes, sobretudo àqueles(as) de

classes mais favorecidas social e economicamente, perceberam seus privilégios e reconheceram os grupos excluídos da sociedade.

Para tensionar e dialogar com as obras de Rayellen Alves, ao final da aula foi projetado o vídeo⁶ da Revista “Bravo!” sobre o ateliê da artista paulista Rosana Paulino, seguido por uma breve conversa sobre as possíveis relações entre o trabalho de Rosana Paulino e o de Rayellen Alves, traçando uma ponte entre as temáticas de uma artista conhecida em nível nacional/internacional com uma jovem artista local.

Para o momento assíncrono, os(as) estudantes foram orientados(as) a assistir o vídeo⁷ de apresentação da artista Rayellen Alves elaborado durante a vivência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) nos anos de 2019/2020 e intitulado “Raízes Identitárias: memórias de si”. Também foi disponibilizado o vídeo⁸ “Rosana Paulino e a mulher negra na história da arte”, disponível no canal do Youtube #VIVIEUVI sobre a obra de Rosana Paulino e as pesquisas e temáticas abordadas pela artista. A partir destes vídeos, foi solicitada a produção de um pequeno texto, em dupla, abordando os pontos de destaque e as reflexões críticas acerca dos trabalhos das duas artistas.

Tanto Rayellen Alves quanto Rosana Paulino, através das suas produções plásticas, tentam entender o local ocupado pela população negra no Brasil, revisitando a história da escravidão no país. Ambas tratam do tema da representação social da mulher negra, apresentando novas composições sobre as imagens do passado escravocrata, respondendo a profundas questões racistas que ficaram silenciadas por muito tempo no âmago da sociedade brasileira. Através de suas pesquisas, desconstruem o conhecimento de origem colonial cientificista e preconceituoso.

Na entrevista realizada e citada anteriormente, Rayellen Alves fala sobre o seu processo criativo na série de colagens digitais produzidas em 2020:

“as fotografias de pessoas negras retratadas por Alberto Henshel, feitas aproximadamente em 1869, fizeram-me questionar fotografias/fotógrafos brancas/os reconhecidas/os internacionalmente, que retratam pessoas negras, mas não dizem ou não sabem seus nomes, suas histórias, fazendo com que sejam apenas anônimas posando para fotos. Desde então tento criar narrativas com esse material. A princípio quis representar o quão sagradas são essas figuras ancestrais, fazendo entender que antes de mim há os que me tecem”.

Estes aspectos foram mobilizadores das reflexões que abriram o segundo encontro síncrono a partir de algumas perguntas realizadas: quais os paralelos que podemos traçar entre as obras de Rayellen Alves e Rosana Paulino? Quais os pontos comuns entre as duas artistas? Quais os pontos divergentes? Quais os aprendizados decorrentes da visualização dos vídeos?

Dando continuidade, foi apresentada por meio de exercícios de leitura

6 O vídeo, de duração de 5'07”, está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ITdnSyqWv1A>

7 O vídeo, de duração de 4'31”, está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PqYyxUcccJw>

8 O vídeo, de duração 5'39”, está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b_bVwd1z3fc

de imagens, algumas das obras da jovem artista pernambucana Priscilla Melo, seguidamente, adentramos numa conversa sobre o conceito de lugar de fala e sobre racismo e periferias no Brasil. Vejamos a seguir algumas das produções artísticas que nortearam as discussões realizadas:



Fig. 03 – Priscilla Melo, *Dos dias de céu rosa no quintal*, 2021.
Fotografia digital, Recife.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSKEWvHLOko/>.

Acesso em: 30 de julho de 2021

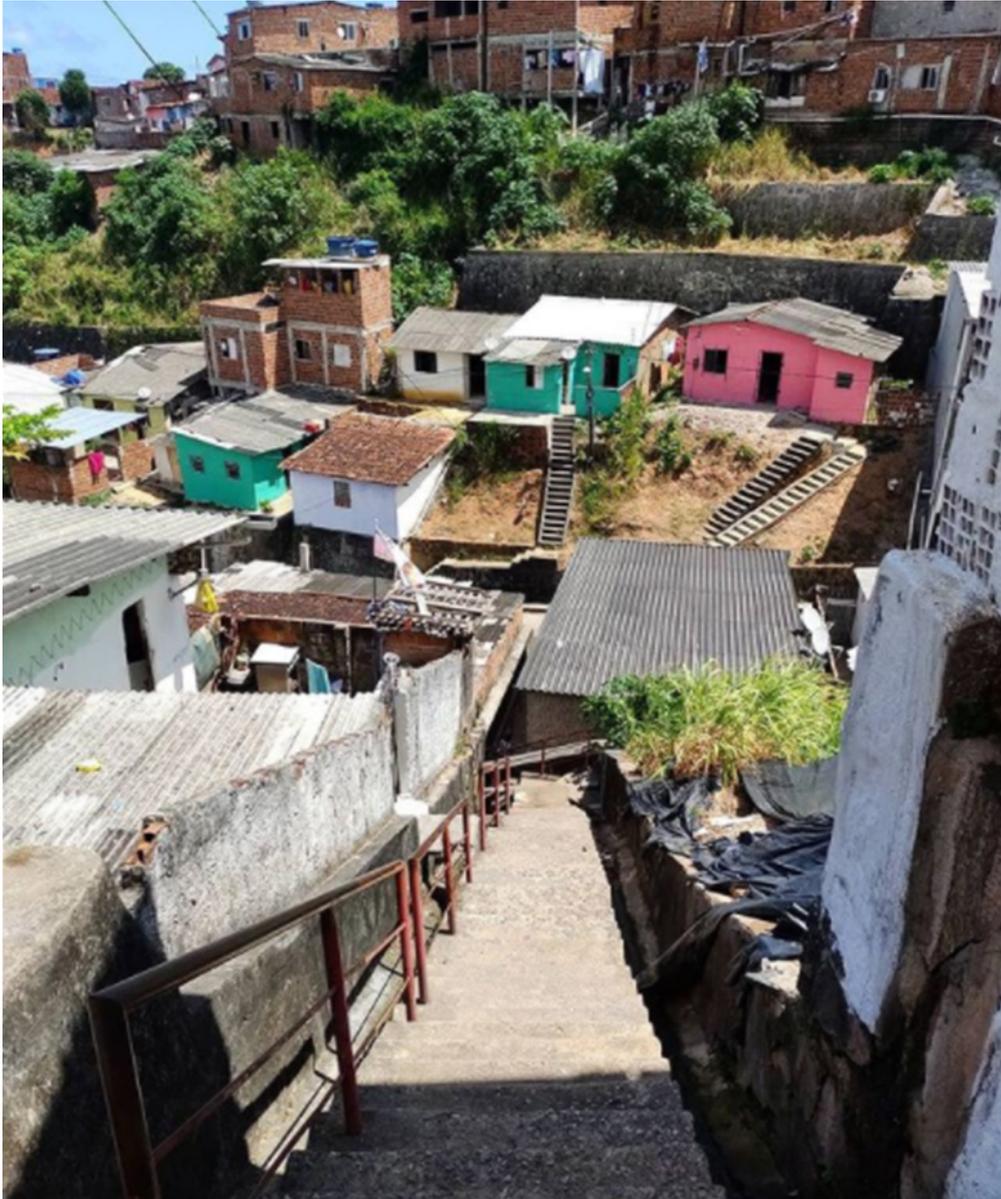


Fig. 04 – Priscilla Melo, *Dentro de uma maquete, dos caminhos*, 2021. Fotografia digital, Recife.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIOrWEyrs-o/> . Acesso em: 30 de julho de 2021.

As fotografias apresentadas provocaram uma série de leituras e questionamentos. Algumas perguntas também tensionaram o debate com a turma: Alguém reconhece este lugar? De que comunidade estamos falando? Como é o bairro onde moro? Quais os lugares da cidade do Recife que frequento? O que vejo a partir da minha janela? Vamos falar sobre lugar de fala?

O conceito de lugar de fala, discutido por Djamila Ribeiro no livro “O que é lugar de fala?” (2017), foi trabalhado por meio da obra de Priscilla Melo, artista visual em formação pelo curso de Graduação em Fotografia da Universidade Católica de

Pernambuco e pela ONG Comunicação e Juventude de Peixinhos. Hoje, vive na comunidade da Bomba do Hemetério e é integrante do Coletivo Encruzilhada, do Coletivo Cara Preta e do Coletivo Amarna. A temática do lugar onde mora está tão presente em sua obra, que quando perguntada sobre o ano e o lugar onde nasceu, responde “1992, Recife, Beberibe, ZN (Zona Norte)”.

Em 2021, Priscilla Melo estava se dedicando à execução do projeto “Portais da Rotina”, aprovado pela lei de incentivo Aldir Blanc, conforme relata em entrevista concedida à estagiária:

“colando nos arredores do território por onde caminho e moro, fotos de paisagens que vão além dos muros, do que muitas vezes está do outro lado ou olhando para o céu. A fotografia como campo de experimentações e respiros. “Portais da Rotina” vem com a ideia de ir além muros, portões, casas...mostrar paisagens que estão por trás da rotina, da pandemia o que está no território. Estimulando a observação e contemplação desses espaços que transitamos todos os dias”.

Após as discussões supracitadas, os(as) estudantes foram instigados(as) a realizar assincronamente a leitura da matéria “Priscilla Melo”, publicada na Revista Propágulo (nº 3, maio de 2019), importante revista de arte pernambucana, que coloca em circulação os trabalhos da jovem cena artística contemporânea. Também assincronamente, foi indicado o vídeo⁹ “A Amazônia Negra de Marcela Bonfim”, disponível no canal do Youtube “Alma Preta Jornalismo”, além de visitar o projeto Amazônia Negra através do site: <https://www.amazonianegra.com.br/bio>, traçando um paralelo entre as questões locais e nacionais/globais na fotografia. A partir destas referências, os(as) estudantes deveriam buscar pontos em comum que podem ser observados nas obras das duas artistas estudadas para discussão em sala de aula e, unindo às questões trabalhadas na semana anterior, produzir individualmente uma fotografia, pensando nos conceitos de interseccionalidade e lugar de fala.

O terceiro encontro síncrono teve início com uma série de perguntas realizadas para resgatar as reflexões trazidas pela última atividade assíncrona, dentre elas, destacamos: quais os paralelos que podemos traçar entre as obras de Priscilla Melo e Marcela Bonfim? Quais os pontos comuns às duas artistas? Quais os maiores aprendizados decorrentes da visualização do vídeo e da leitura da reportagem? Também realizamos a apreciação das fotografias produzidas individualmente pelos(as) alunos(as) e a escuta coletiva sobre os processos criativos, e, ao mesmo tempo, uma revisão sobre os conceitos trabalhados nos últimos encontros.

Com este primeiro exercício de prática artística, percebemos que muitos(as) estudantes debruçaram-se sobre as redes de proteção das janelas de seus apartamentos para enxergar mais atentamente o entorno. Por meio das fotografias produzidas, percebemos que houve, de fato, uma reflexão profunda sobre os temas vivenciados nos últimos encontros e foi essencial para as produções finais que veremos a seguir.

⁹ O vídeo de duração de 3’06” está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5bMPAANASBo>

Ainda sobre as artistas, na sensível entrevista de Marcela Dias (2019, p.25) com Priscilla Melo, para a Revista Propágulo, a turma pôde encontrar uma boa resposta àquela pergunta que tinha ficado “atrás da orelha” durante toda a unidade: “As pessoas me dizem ‘eu vi uma foto alí’. Isso é massa porque, quando você mora na periferia, a galera tem uma visão de que ela é feia, mesmo quem mora acha feio. Quando se está lá e se acha beleza, você acaba estimulando outros olhares”. Por sua vez, Marcela Bonfim, através de seu trabalho fotográfico em Porto Velho (RO), traz à tona a beleza da população negra que habita aquela cidade, resgatando a memória e as histórias de vida daquela gente, em um processo criativo de empoderamento e fortalecimento da sua própria ancestralidade. Traçando um paralelo com o trabalho de Priscilla Melo, Marcela Bonfim também fala de um lugar: do Atlântico que existe em nós, das famílias tradicionais negras caribenhas que chegaram até a Amazônia. Sua obra fala, também, da violência da escravidão e da busca por sua ancestralidade, ressignificando os opressores padrões de beleza impostos.

No quarto e último encontro síncrono, os(as) estudantes apresentaram o trabalho final da unidade: uma fotocoloragem realizada individualmente ou em duplas, tendo como temática principal o entrelaçamento dos conceitos discutidos ao longo do estágio de regência. Além da pesquisa e da prática artística, compartilharam o processo criativo e as percepções sobre a temática. Abaixo, apresentamos alguns trabalhos produzidos pela turma do 1º Ano do EM, vejamo-los:



Fig. 05 – Jéssica de Macêdo, *Sem título*, 2021. Fotocoloragem digital, Recife.

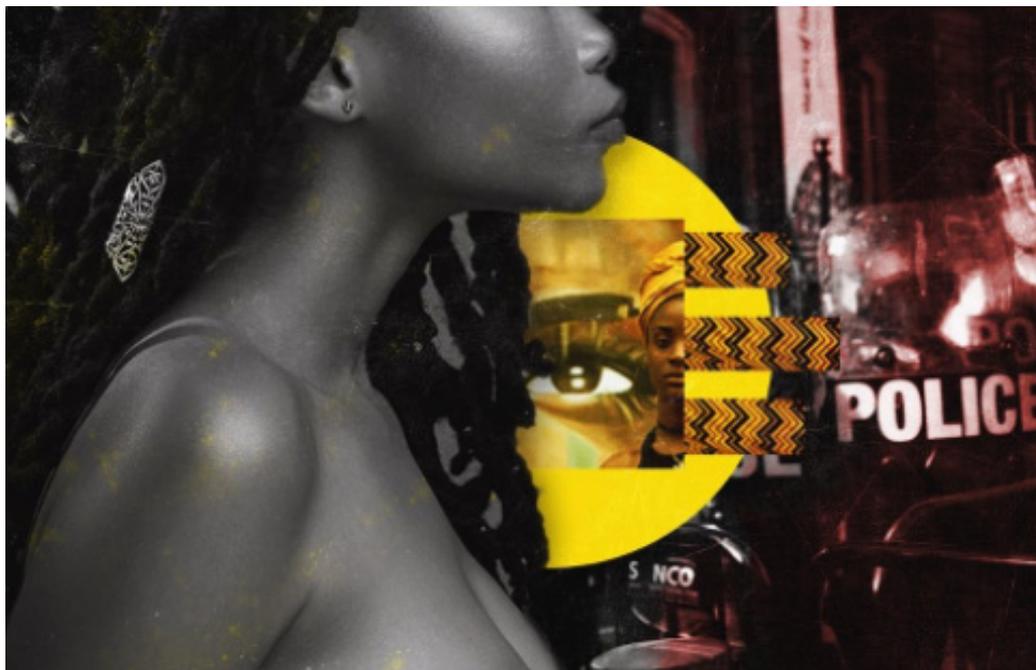


Fig. 06 – Niara Brandão, *Sem título*, 2021. Fotocolagem digital, Recife.



Fig. 07 – Sarah Sarmento e Jhenyfer da Silva, *Sem título*, 2021.
Fotocolagem digital, Recife.



Fig. 08 – Clarice Pessoa e Júlia Mehl, *Sem título*, 2021. Fotocolagem digital, Recife.

Sobre as perguntas que ficam e os aprendizados da vivência

A experiência vivenciada no CAp - UFPE nos apontou que a desigualdade social, velho calo brasileiro, está escancarada dentro dos colégios optantes pelas políticas de cotas, como o Colégio de Aplicação. O problema já era gritante entre diferentes escolas e diferentes bairros da cidade, entretanto, agora é possível observar esse abismo dentro de uma mesma sala de aula.

Diante deste desafio, algumas perguntas ecoam: como lidar com realidades tão díspares presentes em uma sala de aula? Como o(a) professor(a), sujeito destinado a ser um “encantador de mundos”, consegue criar uma aula capaz de “polir o brilho dos olhos” da turma inteira, mesmo que os(as) estudantes estejam conectados(as) em bairros com realidades sociais tão díspares? Como ensinar de um jeito que não fomos ensinados(as) e nos livrar dessas marcas do nosso processo formativo desde a educação básica? Como descolonizar os saberes? Como esquecer práticas reiteradas por tantos anos quando ocupávamos as cadeiras de alunos(as)? Enquanto docentes, professora e estagiária, tentamos nos adaptar às rápidas mudanças sociais e pedagógicas, para continuar tornando a sala de aula um lugar de encantamento.

O engajamento e o empenho desprendidos pelos(as) alunos(as) para as realizações das atividades, assim como a participação nos debates dos encontros síncronos, mostraram que a vivência proposta na unidade foi bastante rica, sobretudo

porque houve o reconhecimento da turma da heterogeneidade de marcadores sociais que há entre os(as) próprios(as) alunos(as) da sala. Falas potentes e questionadoras de alguns(mas) estudantes marcaram a unidade, como a do estudante Kaio Santos: “olhando da janela a gente vê o lugar onde a gente mora e percebe a especulação imobiliária apagando o bairro”. Olhar para o entorno, através da prática artística, despertou olhares críticos.

A mudança de visão sobre a periferia foi a conquista mais estimulante do estágio docência. Hoje, para os(as) alunos(as), não restam dúvidas que há muitos(as) artistas realizando produções potentes, criativas, críticas, transformadoras e provocadoras de discussões nas periferias. Discussões, estas, necessárias para a construção de uma sociedade mais crítica e consciente.

Referências

Assis, Dayane. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

CHIMAMANDA, Adichie: o perigo de uma única história TED Legendado PT-BR. Palestra proferida por Chimamanda Adichie para a TED Conference 2009. 18'49". Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

CRENSHAW, Kimberle. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 17 fev. 2022.

D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos Estudos Cebrap**, Dossiê Subjetividades Periféricas, v.39, n.1, jan-abr, 2020.

DIAS, Belidson. *A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes: uma introdução*. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Artes: A/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013, p. 21-26.

DIAS, Marcela. **Priscilla Melo**. Revista Propágulo, Recife, v.03, p.16-25, maio de 2019.

IRWIN, Rita. *A/r/tografia*. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Artes: A/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013, p. 27-35.

MOURA, Eduardo Junio Santos. ARTE/EDUCAÇÃO DECOLONIAL na América Latina. **Cadernos de Estudos Culturais**. v. 1. n. 21. p. 31-44. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/issue/view/562>. Acesso em: 08 Nov. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

____. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

VIDAL, F. S. . **Um olhar caleidoscópico nas/para as formações estéticas/culturais de professores(as)**: experiências e construções de identidades docentes estéticas no curso de Pedagogia da UFPE. 2016. 370 p. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

Submissão: 20/02/2022
Aprovação: 21/03/2022